

DO ENTRETENIMENTO AO ENDIVIDAMENTO: REFLEXOS SOBRE O JOGO DO TIGRINHO E O PAPEL DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Alda Kelly Neiva¹
Marcelo de Faria Salviano²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar os reflexos sociais e financeiros decorrentes da expansão dos jogos de azar digitais, com ênfase no *Fortune Tiger*, amplamente conhecido como Jogo do Tigrinho. O estudo busca compreender de que maneira os mecanismos psicológicos, as estratégias de marketing e a influência das mídias digitais contribuem para o desenvolvimento de comportamentos compulsivos e para o endividamento dos jogadores, sobretudo entre indivíduos pertencentes às classes socioeconômicas de menor poder aquisitivo. De natureza bibliográfica, a pesquisa fundamenta-se em produções acadêmicas, reportagens, relatórios institucionais e legislações recentes, com o propósito de discutir os impactos sociais e econômicos do fenômeno e de analisar o papel da educação financeira crítica enquanto instrumento de prevenção e formação cidadã. Os resultados apontam que o Jogo do Tigrinho atinge, predominantemente, jovens das classes D e E, que destinam parte significativa de seus recursos essenciais às apostas, inserindo-se em um ciclo de perdas financeiras e vulnerabilidade emocional. Constatou-se que a ausência de uma conhecimento financeiro potencializa a adesão a práticas de risco e a crença na ilusão do lucro fácil, amplamente promovida por influenciadores digitais e campanhas publicitárias. Nesse contexto, a educação financeira emerge como ferramenta emancipatória indispensável para o desenvolvimento da consciência, da autonomia e da resistência diante das armadilhas do consumo e das promessas ilusórias de enriquecimento rápido.

Palavras Chaves: Jogo do tigrinho. Patologia. Endividamento. Educação financeira

1

ABSTRACT: This article aims to analyze the social and financial repercussions resulting from the expansion of digital gambling, with emphasis on Fortune Tiger, widely known as the Little Tiger Game. The study seeks to understand how psychological mechanisms, marketing strategies, and the influence of digital media contribute to the development of compulsive behaviors and indebtedness among players, particularly those belonging to lower-income social groups. Bibliographical in nature, the research draws on academic studies, institutional reports, and recent legislation to discuss the social and economic impacts of this phenomenon and to examine the role of critical financial education as an instrument for prevention and civic formation. The results indicate that the Little Tiger Game primarily affects young people from social classes D and E, who allocate a significant portion of their essential resources to gambling, thus entering a cycle of financial losses and emotional vulnerability. The absence of financial education was found to increase susceptibility to risky behaviors and to reinforce the illusion of easy profit, widely promoted by digital influencers and advertising strategies. In this context, financial education emerges as an emancipatory tool essential for developing awareness, autonomy, and resistance to the manipulative narratives of consumption and the promises of quick enrichment disseminated through digital media.

Keywords: Tiger game. Pathology. Indebtedness. Financial education.

¹ Mestranda de Educação Profissional e Tecnológica (Instituto Federal de Brasília). Administradora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - IFTM Campus Paracatu (MG).

² Doutor em Ciências do Comportamento (Universidade de Brasília). Professor do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB-DF).

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar os reflexos do engajamento e crescimento dos jogos de azar digitais, em especial o “*Fortune Tiger*” (popularmente conhecido como Jogo do Tigrinho), que tem despertado crescente preocupação social e acadêmica devido ao seu impacto na saúde financeira dos usuários. Apesar de se apresentar como uma forma de entretenimento acessível e lúdica, esse tipo de jogo utiliza mecanismos psicológicos e estratégias de design que estimulam o comportamento compulsivo, favorecendo perdas financeiras expressivas.

O problema estudado neste artigo concentra-se nos efeitos do envolvimento com o Jogo do Tigrinho, especialmente entre indivíduos de menor poder aquisitivo, que, ao direcionarem recursos essenciais para apostas, se tornam mais vulneráveis à inadimplência, à exclusão social e a problemas emocionais. A relevância da investigação decorre da expansão acelerada desse mercado no Brasil, favorecida pela popularização da internet, pela atuação de influenciadores digitais e pela recente regulamentação das apostas online, fatores que ampliam o alcance e a adesão a tais práticas.

Apesar da crescente visibilidade do fenômeno, ainda há lacunas no conhecimento sobre os reflexos sociais e financeiros do Jogo do Tigrinho, sobretudo no que se refere à relação entre compulsão, endividamento e a ausência de uma educação financeira focada no desenvolvimento de uma consciência reflexiva sobre o sistema financeiro e de consumo em que estão inseridos. Assim, este estudo busca contribuir para o debate ao reunir evidências teóricas e documentais que possibilitem compreender o problema e apontar caminhos para a construção de alternativas preventivas.

2

MÉTODOS

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, pois foi desenvolvida a partir do levantamento, seleção e análise de materiais já publicados. Para a construção do estudo, foram consultadas fontes secundárias como livros, artigos científicos, legislações, relatórios institucionais e publicações em meios digitais que tratam do tema jogos de azar, comportamento do consumidor, endividamento e educação financeira.

O procedimento metodológico consistiu em identificação, leitura e análise crítica das produções acadêmicas e documentos oficiais, buscando compreender as diferentes perspectivas teóricas relacionadas ao Jogo do Tigrinho” e suas implicações. A análise foi orientada pela proposta de Gil (2008), segundo a qual a pesquisa bibliográfica permite não apenas sistematizar

o conhecimento existente sobre determinado fenômeno, mas também fundamentar reflexões e discussões a partir de diferentes abordagens.

Assim, o estudo baseou-se no cruzamento e interpretação dos dados obtidos nas fontes selecionadas, organizando-os em eixos temáticos que contemplam: a regulamentação dos jogos de azar, os mecanismos psicológicos envolvidos, o perfil dos jogadores, a influência dos meios digitais e o papel da educação financeira crítica.

O cenário dos jogos de azar

O mercado digital de apostas vem apresentando crescimento acelerado, movimentando bilhões de reais em escala global e nacional, no Brasil, esse avanço é expressivo: entre 2021 e abril de 2024, o setor de apostas online cresceu 734,6%, impulsionado pela popularização da internet, dos dispositivos móveis e pela crescente aceitação social das apostas como forma de entretenimento (CNN, 2024).

Conforme a CNN (2024) dados recentes apontam que usuários brasileiros realizaram 3,19 bilhões de visitas a sites de apostas esportivas, correspondendo a 22,78% do total mundial. Esse crescimento é favorecido pela tecnologia, que viabiliza plataformas cada vez mais sofisticadas, incluindo jogos de cassino online.

3

O “*Fortune Tiger*”, conhecido como Jogo do Tigrinho, de acordo com Ministério Público do Estado do Mato Grosso (MPMT, 2025), foi lançado pela empresa Maltesa Pocket Games Soft (PG Soft), é um caça-níquel online caracterizado por design colorido, mecânica simples de três colunas e promessas de altos ganhos, fatores que contribuem para sua rápida popularização. O jogo atrai usuários com elementos visuais e sonoros, como música oriental animada e a figura de um tigre carismático. A jogabilidade consiste em girar três colunas de símbolos, visando alinhar três iguais para receber prêmios em dinheiro, podendo multiplicar os ganhos em até dez vezes.

O jogo exemplifica a combinação de entretenimento e risco financeiro, destacando-se como caso relevante para estudos sobre comportamento em jogos de azar digitais.

Esses jogos, chamados de RNG (sigla para "gerador de números aleatórios"), funcionam como uma loteria, distribuindo prêmios de forma completamente aleatória. Ao longo prazo, o jogador sempre sairá perdendo, pois o jogo é programado para ter um lucro para a casa. Por isso, as promessas de ganhos constantes, divulgadas por influenciadores, na internet são inequívocas. A própria plataforma “*Fortune Tiger*” divulga que quem joga por muito tempo está sujeito a receber apenas R\$ 9,681 para cada R\$ 100 apostados (MPMT 2025).

Os jogos de caça-níqueis eram proibidos por lei até dezembro de 2023. A partir dessa data, a Lei 14.790 liberou a modalidade de jogos para celular, mas os jogos em máquinas físicas de caça-níquel continuam ilegais (BRASIL, 2023).

A Lei nº 14.790, de 29 de dezembro de 2023, formalizou a regulamentação das apostas de quota fixa no Brasil, abrangendo tanto apostas esportivas quanto jogos on-line. O objetivo central da legislação é estabelecer um arcabouço normativo para a operação desses serviços, promovendo sua legalização e criando um setor regulado.

A referida lei impõe diretrizes rigorosas para a publicidade, proibindo campanhas que incentivem o jogo irresponsável, minimizem os riscos ou vinculem o ato de apostar ao sucesso pessoal. Além disso, as operadoras são obrigadas a implementar mecanismos de jogo responsável, como ferramentas de controle de gastos e a opção de autoexclusão para os usuários (BRASIL, 2023).

É crucial destacar que a Lei nº 14.790 não legaliza indiscriminadamente todos os jogos de azar no país. Sua abrangência se restringe à modalidade de aposta de quota fixa, na qual o apostador tem conhecimento prévio do valor do prêmio potencial, determinado por um multiplicador fixo, caso seu palpite seja vitorioso (BRASIL, 2023).

Em suma, a legislação brasileira (BRASIL, 2023) estabelece um marco legal para a exploração de apostas de quota fixa, viabilizando sua operação por empresas brasileiras devidamente autorizadas e sob fiscalização, contudo, a norma não alterou o status legal de outros jogos de azar tradicionais, que permanecem proibidos, exceto quando operados diretamente pelo Estado, como no caso das loterias.

Mendieta e Queiroz (2024) refletem que a legalização e regulamentação das apostas esportivas online no Brasil são um passo importante, mas a implementação ainda enfrenta desafios e questionamentos. A prioridade deve ser a proteção dos consumidores, garantindo que as regras dos jogos sejam claras, que existam limites financeiros para as apostas e que os jogadores tenham apoio contra abusos.

Outro fator que os autores evidenciam é que mesmo que a legislação se esforce para banir as apostas ilegais e regulamente as apostas online, deve-se preocupar também com os fatores psíquicos, pois ainda que o ato de jogar seja visto por muitos como uma simples atividade recreativa e inofensiva, a neurobiologia aponta que, para certos indivíduos, pode haver graves danos psíquicos, visto que envolve alterações em neurotransmissores chave (como dopamina, serotonina, norepinefrina, glutamato e opioides) e em áreas específicas do cérebro (incluindo o estriado ventral, a ínsula e o córtex pré-frontal ventromedial).

A psicologia dos jogos online e o perfil dos jogadores

Jogos como o “*Fortune Tiger*” exploram mecanismos psicológicos associados ao comportamento compulsivo, como a jogada intermitente, e a ilusão de controle e design do jogo

As plataformas de apostas online, ao se associarem a elementos de esportes e videogames, têm sido progressivamente aceitas no contexto social. No entanto, a crescente popularidade de jogos de azar virtuais, como os que utilizam a estética de caça-níqueis, representa um fenômeno distinto. Embora sua interface possa parecer inofensiva e até infantil, esses jogos são projetados para induzir um ciclo de jogo compulsivo (FÉLIX, 2024).

O jogo utiliza um sistema de recompensas rápidas e frequentes, mesmo que de baixo valor, que ativam o sistema de recompensa do cérebro, liberando dopamina e criando uma sensação de prazer. Além disso, segundo Mendieta e Queiroz (2024), utiliza-se os espectros das cores, onde cada cor evoca sentimentos específicos: o azul é sinônimo de confiabilidade e segurança; o amarelo atrai o consumidor por ser otimista e gerar entusiasmo e felicidade; o laranja sugere coragem e um tom amigável; o vermelho possui uma dualidade, podendo simbolizar paixão e emoção, ou servir como alerta e chamar a atenção; o verde transmite harmonia e frescor; o preto indica luxúria e sofisticação, e o branco é associado à integridade e transparência.

5

Mais a mais, a promessa de altos ganhos e a possibilidade de multiplicadores mantêm a esperança de uma grande vitória, incentivando o jogador a continuar investindo tempo e dinheiro. A presença de influenciadores digitais que promovem o jogo nas redes sociais, muitas vezes com promessas de dinheiro fácil, amplifica ainda mais o alcance e atratividade do Jogo do Tigrinho, especialmente para públicos mais jovens e vulneráveis. Esses elementos combinados criam um ciclo de engajamento que pode rapidamente transformar o entretenimento em uma compulsão, levando a consequências financeiras e sociais devastadoras (GARCIA, 2024).

A transição do entretenimento para a compulsão ocorre de forma gradual, marcada pelo aumento da frequência e do valor das apostas, até que o jogador perde a capacidade de controle. Esse processo está associado a percepções distorcidas de risco, crença na sorte e influência da propaganda digital (MPTM, 2025).

Félix (2024) relata que o engajamento com apostas virtuais é impulsionado por uma complexa interação entre fatores emocionais e crenças pessoais. Frequentemente, os apostadores, predominantemente homens jovens, desenvolvem distorções cognitivas, acreditando que os resultados das vitórias são influenciados por habilidade, estratégia e

conhecimento, em detrimento do acaso. Esse comportamento é reforçado socialmente por meio da incentivo de amigos, familiares e, de forma significativa, por influenciadores digitais. Esses indivíduos projetam um estilo de vida aspiracional, exibindo ganhos financeiros rápidos, o que fortalece a percepção de que a atividade é não apenas lucrativa, mas também digna de ser tentada.

Além da motivação financeira, muitos usuários buscam nas apostas um mecanismo de fuga para lidar com problemas pessoais. A percepção de que a atividade é meramente recreativa, um entretenimento, não impede a ativação de vias neurais que podem levar à dependência. A ideia de que se trata de uma válvula de escape não atenua os riscos de um comportamento de jogo patológico (FÉLIX, 2024).

Félix (2024) afirma que a prática do jogo pode proporcionar uma série de recompensas imediatas, incluindo o prazer material (associado a prêmios), o prazer psíquico (relacionado à competitividade e ao desafio) e a satisfação da vitória. Embora o jogo recreativo possa oferecer benefícios como diversão e socialização, existe o risco de progressão para o vício.

A acessibilidade a plataformas de apostas online tem contribuído para a expansão do jogo patológico, Martins et al., (2024) menciona que as consequências do vício em jogos de azar transcendem as perdas financeiras, que frequentemente levam a endividamento. O estigma social e a percepção de fracasso podem resultar em isolamento social e problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade, podendo, em casos extremos, culminar em tentativas de suicídio.

A ludopatia, ou jogo patológico, é classificada como um transtorno de controle de impulsos. Esse transtorno é caracterizado pela compulsão de jogar, mesmo diante de consequências negativas. A patologia é dividida em três fases comportamentais, a fase da vitória, da perda e do desespero, Martins et al., (2024), explica cada uma delas:

Na fase da vitória, o indivíduo interpreta a sorte inicial como habilidade. O aumento da frequência de vitórias reforça essa percepção, elevando a expansão e o valor das apostas.

Na fase da perda, o jogo se torna uma ideia fixa, acompanhada por um otimismo irrealista. O indivíduo passa a utilizar o próprio salário e economias para sustentar o vício e recuperar as perdas, tornando-se sintomático.

A fase do desespero, é aquela caracterizada pelo isolamento social, fruto do tempo e dinheiro investidos no jogo. O apostador entra em pânico ao confrontar o tamanho das dívidas, buscando soluções para o problema por meio do jogo, o que ocasiona um ciclo de dependência, e a tentativa de recuperar o dinheiro pode levar à exaustão física e mental.

Essa dinâmica evidencia características recorrentes no perfil dos Jogadores do Tigrinho, marcadas pela vulnerabilidade financeira, pela esperança de aumento rápido de capital e pela dificuldade em interromper o ciclo de perdas e apostas (FÉLIX, 2024).

Pesquisas apontam que cerca de 56% dos apostadores brasileiros têm entre 16 e 39 anos, embora haja adesão em todas as faixas etárias. O Jogo do Tigrinho tem maior popularidade entre classes de renda mais baixas, que veem na promessa de ganhos rápidos uma saída para dificuldades financeiras (GARCIA, 2024).

O jogo tem se destacado como a modalidade de aposta mais comum entre indivíduos endividados das classes socioeconômicas D e E. De acordo com Garcia (2024), 40,2% dos entrevistados dessas classes declararam ter o hábito de participar ou já terem participado desse tipo de aposta.

Em contrapartida, de acordo com o autor, observa-se menor adesão entre pessoas com maior poder aquisitivo. Nas classes A e B, apenas 13,4% dos endividados afirmaram recorrer a essa modalidade, enquanto na classe C o percentual foi de 25,2%.

Garcia (2024) relata que 19,3% dos entrevistados das classes mais baixa, admitiram ter deixado de pagar contas para apostar, e 53,9% afirmaram recorrer às apostas como tentativa de quitar dívidas.

Ante a exposição do autor, observa-se que o Jogo do Tigrinho impacta de forma mais severa nos indivíduos com menor poder aquisitivo, pois os valores destinados às apostas muitas vezes ultrapassam as despesas essenciais à sobrevivência, situação essa, que é agravada pela forte indução exercida pelos influenciadores digitais

Os influenciadores digitais

Os influenciadores digitais vêm se consolidando como formadores de opinião de grande relevância, capazes de moldar decisões de consumo por meio de conteúdos veiculados em plataformas como Instagram, Facebook e YouTube. Sua notoriedade está associada ao poder de persuasão e à capacidade de alcançar públicos segmentados, o que os transforma em protagonistas das estratégias de marketing digital (SCHINAIDER; BARBOSA, 2019).

De acordo com MPMT (2024), uma parcela significativa dos consumidores já realizou aquisições motivadas pelas recomendações desses agentes. Esse efeito é potencializado pelo uso de estratégias direcionadas que conferem às redes sociais maior atratividade em comparação aos meios tradicionais. Schinaider e Barbosa (2019) complementam essa análise ao destacar que tais recomendações, muitas vezes, não são apresentadas de forma transparente, confundindo a linha

entre opinião pessoal e publicidade remunerada, o que levam os seguidores a acreditar em experiências supostamente autênticas.

No caso específico das apostas online, Lima et al., (2025) observa que os influenciadores recorrem a roteiros previamente elaborados, construindo uma imagem ilusória de sucesso enquanto omitem perigos e prejuízos. Schinaider e Barbosa (2019), por sua vez, enfatizam que esses conteúdos frequentemente utilizam linguagens persuasivas, promessas de lucro garantido e ausência de informações relevantes, configurando publicidade enganosa e abusiva.

Recursos lúdicos e personagens, como a figura do tigrinho, são elementos centrais na naturalização do consumo de jogos de azar. Esses mecanismos suavizam a percepção de risco e tornam o conteúdo mais chamativo, principalmente para públicos suscetíveis. A dificuldade de fiscalização, agravada pela atuação de empresas estrangeiras e pela ausência de regulamentação uniforme, amplia essa fragilidade (MPMT, 2024).

Para Lima et al., (2025), essa atuação reforça a necessidade de regulamentação mais rígida, mecanismos de responsabilização civil e ações educativas que promovam conscientização. De modo complementar, Schinaider e Barbosa (2019) argumentam que, mesmo sem dolo explícito, a conduta desses agentes deve configurar responsabilidade civil pelos danos causados, uma vez que contribuem para a indução de consumidores a práticas nocivas e ilegais.

Mendieta e Queiroz (2024) analisam que a promoção de apostas online por influenciadores digitais combina publicidade fictícia, supressão de perdas e exploração de fragilidades emocionais. Essa realidade revela um cenário de precariedade ética e jurídica, no qual emergem como urgências sociais a regulamentação eficaz, a responsabilização legal e a educação crítica dos consumidores, sobretudo os jovens.

O jogo do tigrinho pode gerar sérios problemas financeiros, sua natureza viciante pode levar à compulsão, perda de controle, endividamento e problemas de saúde mental comprometendo o dia a dia e a qualidade de vida dos seres humanos.

A educação financeira

O endividamento, em sua essência é uma condição inerente à sociedade de consumo, onde a busca por produtos e serviços, essenciais ou não, leva os indivíduos a contrair dívidas. No entanto, o endividamento excessivo transcende a simples dívida, caracterizando-se por uma situação em que o indivíduo perde o controle sobre suas finanças, comprometendo uma parcela significativa de sua renda e tornando-se inadimplente (FÉLIX, 2024).

A autora detalha que as causas desse tipo de endividamento são multifacetadas e podem incluir a facilidade de acesso ao crédito, o consumo excessivo e impulsivo, a ausência de educação financeira, e a busca por gratificação imediata.

O presidente da CNDL (2024), José César da Costa, soa o alarme sobre o impacto das apostas online no endividamento das famílias. Ele ressalta que muitos estão perdendo o controle financeiro, o que piora a situação da alta inadimplência no país. Ele alerta que a compulsão em jogos é uma doença que leva a uma série de consequências graves que afetam todas as áreas da vida de um indivíduo e de sua família.

Conforme o presidente (CNDL, 2024), as apostas online e jogos abalam a vida social e profissional dos consumidores. Uma pesquisa recente mostra que 30% das pessoas sentiram o impacto desses jogos, com 11% enfrentando queda na produtividade do trabalho e oneração financeira. Além disso, 10% notaram uma falta de responsabilidade familiar e sinais de vício, como usar o jogo para aliviar o estresse (10%) e sentir irritação quando não estão jogando (9%). É importante notar que a grande maioria (68%) não reconhece os efeitos negativos dos jogos em suas vidas.

No contexto dos jogos de azar, a educação financeira pode contribuir para uma melhor compreensão das finanças, pelo fato de aumentar o conhecimento e as habilidades promovendo o uso informado e responsável de diversos produtos e serviços, inclusive os digitais.

9

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2020) relata que é importante investir em campanhas de educação financeira para conscientizar a população sobre as consequências econômica de apostas irresponsáveis. Mendieta e Queiroz (2024), mencionam que embora a regulamentação traga benefícios econômicos, o Estado precisa agir de forma mais proativa para proteger a sociedade e mitigar os riscos sociais associados às apostas. Sem medidas efetivas de proteção, a legalização pode se tornar um problema social em vez de uma solução econômica sustentável.

A educação financeira pode desempenhar um papel crucial ao mostrar os perigos dos jogos de azar. Ela pode contribuir para desfazer a ideia de que é possível ganhar dinheiro fácil, o que ajuda a prevenir a dependência e protege o orçamento das famílias, evitando dívidas e instabilidade.

A educação financeira configura-se como uma:

Combinação de consciência financeira, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos necessários para tomar decisões financeiras acertadas e, por fim, alcançar o bem-estar financeiro individual (OCDE, 2020).

A educação financeira possibilita distinguir entre necessidades e desejos, planejar gastos, evitar compras por impulso e avaliar os riscos do crédito. Além disso, promove uma consciência crítica diante das estratégias de consumo estimuladas pela mídia e pelo mercado, capacitando o indivíduo a tomar decisões mais responsáveis e sustentáveis, contribuindo para formar consumidores mais conscientes, capazes de manter equilíbrio entre renda, consumo e segurança econômica (BATISTA et al., 2020).

Conforme Cunha (2020), mais do que domínio técnico, a educação financeira deve assumir caráter reflexivo e emancipatório, permitindo ao indivíduo compreender as estratégias de mercado, resistir aos estímulos e adotar escolhas mais autônomas. Nesse sentido, escola, família e políticas públicas desempenham papéis complementares na formação de cidadãos financeiramente conscientes.

Nota-se que Indivíduos com maior nível de conhecimento financeiro demonstram menor propensão a engajar-se em apostas, pois reconhecem riscos e ilusões associadas a práticas de azar. No caso do “*Fortune Tiger*”, a educação financeira contribui para que o jogo seja identificado não como investimento, mas como entretenimento de altas perdas financeiras.

Economicamente falando, o endividamento leva à instabilidade financeira, à redução do poder de compra e, em casos extremos, à falência pessoal, no mais, as dívidas podem gerar isolamento, conflitos familiares e rupturas nas relações interpessoais (CUNHA, 2020).

10

A constante preocupação com as dívidas e a incapacidade de honrar compromissos financeiros geram um ciclo de angústia e desespero. A vergonha e o sentimento de culpa também são comuns, levando muitos indivíduos a esconder sua situação financeira de amigos e familiares, o que agrava ainda mais o domínio do jogo sobre suas vidas, afetando seu labor, higidez e relacionamentos. A falta de uma reserva financeira para emergências torna as pessoas ainda mais vulneráveis à imprevistos, perpetuando o estresse, o endividamento e a inadimplência (FÈLIX, 2024), por isso a importância de uma instrução analítica cognitiva sobre o dinheiro.

A educação financeira é muito mais do que apenas saber fazer contas; é um processo contínuo de tomada de decisão consciente que capacita o indivíduo a ser o principal gestor de seu próprio futuro. Ela envolve a capacidade crítica de analisar as diversas opções financeiras disponíveis, desde investimentos simples a empréstimos complexos, e de avaliar riscos e benefícios de maneira objetiva. Em sua essência, ela serve como a ponte que alinha as escolhas monetárias do dia a dia com os objetivos de vida e valores pessoais, garantindo que cada gasto

e investimento se move intencionalmente na direção de uma vida mais estável. (BATISTA et al., 2020)

Cunha (2020) detalha que a construção de uma sociedade financeiramente educada deve ser compartilhada entre diversas esferas. A escola desempenha um papel crucial na introdução dos conceitos financeiros, preparando os jovens para os desafios do mundo adulto e mitigando problemas sociais como o endividamento precoce. A inclusão da educação financeira no currículo escolar colabora para a formação de cidadãos conscientes, capazes de tomar decisões financeiras sólidas. A família, por sua vez, é o primeiro ambiente de aprendizado e tem um papel insubstituível na transmissão de valores e hábitos financeiros saudáveis. O diálogo aberto sobre dinheiro, o exemplo dos pais e a participação das crianças em decisões financeiras básicas contribuem significativamente para o desenvolvimento da consciência perscrutadora.

A autora discorre que as políticas públicas são essenciais para criar um ambiente propício à educação financeira em larga escala. Isso inclui a implementação de programas nacionais de educação financeira, a regulamentação de mercados e produtos financeiros para proteger os consumidores e a promoção de campanhas de conscientização. A sinergia entre escola, família e governo é fundamental para construir uma cultura de responsabilidade financeira que beneficie toda a sociedade.

11

No que tange aos jogos de azar, a educação financeira pode atuar como um escudo, permitindo que o indivíduo reconheça os perigos do endividamento e da ludopatia, e façam escolhas que priorizem sua saúde financeira em detrimento da gratificação instantânea e ilusória oferecida pelos jogos. Ela empodera o indivíduo a resistir a impulsos e a planejar o futuro, construindo uma base financeira sólida que o protege contra as armadilhas do consumo excessivo e do jogo irresponsável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa bibliográfica evidenciaram que o Jogo do Tigrinho apresenta maior adesão entre indivíduos de menor poder aquisitivo, especialmente das classes D e E. Dentro desse grupo, 40,2% afirmaram já ter participado ou ainda participar dessa modalidade de aposta, sendo que 19,3% relataram ter deixado de pagar contas para apostar e 53,9% recorreram ao jogo como tentativa de quitar dívidas. Em contraste, as classes A e B apresentam menor engajamento, com 13,4% de adesão, enquanto a classe C registra 25,2% (GARCIA, 2024).

Outro dado relevante é que os jogadores destinam recursos que ultrapassam gastos essenciais à sobrevivência, intensificando a vulnerabilidade financeira. O jogo utiliza reforços

psicológicos, como recompensas rápidas e promessas de ganhos elevados, somados à atuação de influenciadores digitais, que ampliam o alcance e tornam o produto ainda mais atraente para o público jovem e financeiramente frágil. Além disso, relatórios institucionais apontam que 30% das pessoas que apostam relatam queda na produtividade, instabilidade financeira e problemas familiares (CNDL, 2024).

Logo, de acordo com os pressupostos de Félix, (2024), a ausência de uma educação financeira crítica potencializa esse ciclo de dependência, já que muitos jogadores interpretam o jogo como oportunidade de enriquecimento rápido, e não como atividade de alto risco e perdas recorrentes.

Esses dados evidenciam de que o jogo do Tigrinho configura uma prática de risco financeiro e social, sobretudo em populações vulneráveis, e que a educação financeira crítica deve ser considerada uma ferramenta indispensável de prevenção, Cunha (2020) e Batista et al., (2020) também destacam que, ao desenvolver consciência crítica, habilidades de planejamento e capacidade de distinguir entre desejo e necessidade, o indivíduo torna-se menos propenso a cair em armadilhas do consumo e em apostas que levam a onerações financeira.

A OCDE (2020), reforça a ideia de que a educação financeira não deve se restringir ao domínio técnico de cálculos, mas assumir caráter emancipatório, capaz de questionar discursos de “dinheiro fácil” e resistir a pressões do mercado e da mídia digital.

A literatura levantada mostrou a ausência de dados primários, o que impede uma análise aprofundada da percepção direta dos jogadores. No entanto, a sistematização bibliográfica possibilitou mapear as principais tendências, riscos e impactos sociais associados ao Jogo do Tigrinho, além de apontar lacunas relevantes para futuras investigações.

Nesse sentido, pesquisas futuras poderiam empregar metodologias empíricas, como entrevistas e questionários aplicados a grupos de jogadores, para compreender de forma mais detalhada suas motivações, vulnerabilidades e a efetividade de programas de educação financeira já implementados em ambientes escolares. Também se recomenda ampliar a investigação sobre políticas públicas e estratégias pedagógicas capazes de transformar a educação financeira em instrumento de conscientização coletiva contra os riscos das apostas digitais.

CONCLUSÃO

A pesquisa revelou que o Jogo do Tigrinho vai além do mero entretenimento, configurando-se como uma prática de risco social e financeiro. Essa prática é sustentada por

mecanismos psicológicos que estimulam o comportamento compulsivo e é amplificada pela influência das mídias digitais. O avanço das apostas online, impulsionado pela regulamentação legal e pela promoção de influenciadores, tem ampliado o alcance desse fenômeno, impactando de forma mais intensa as camadas economicamente vulneráveis da população.

As evidências apontam que o público mais atingido é composto majoritariamente por jovens e indivíduos de baixa renda, que veem nas apostas uma promessa ilusória de lucro fácil e ascensão financeira. Essa ilusão é reforçada por estratégias psicológicas incorporadas à dinâmica do jogo, como recompensas imediatas e estímulos visuais e sonoros, além da publicidade enganosa disseminada por influenciadores digitais. O resultado é a consolidação de um ciclo de compulsão, endividamento e sofrimento social, em que o entretenimento se transforma em armadilha financeira.

Observou-se, ainda, que o endividamento decorrente dessas práticas é agravado pela falta de uma formação financeira crítica, capaz de desenvolver o pensamento reflexivo e o controle emocional diante das estratégias de persuasão das mídias e do mercado digital. Nesse cenário, a educação financeira surge como instrumento essencial de prevenção e emancipação, permitindo que o indivíduo reconheça riscos, planeje seus recursos e estabeleça uma relação mais consciente, equilibrada e responsável com o dinheiro.

Portanto, o enfrentamento dos impactos negativos dos jogos de azar digitais requer mais do que regulamentações e mecanismos de fiscalização, demanda políticas educacionais que promovam a formação consciente, ética e financeira dos cidadãos. Investir em educação financeira é investir na autonomia individual, na estabilidade econômica e no bem-estar coletivo, contribuindo para a redução das vulnerabilidades sociais e impedindo que o entretenimento digital se converta em endividamento, inadimplência e exclusão.

13

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF) pelo apoio financeiro concedido durante o curso de mestrado, que é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. O financiamento proporcionado pela FAPDF possibilitou a dedicação integral aos estudos, o acesso a fontes de pesquisa e a consolidação das reflexões que resultaram na escrita deste artigo. Reconhece-se, assim, a relevância do fomento da Instituição para o avanço da ciência, da educação e da produção de conhecimento comprometido com o desenvolvimento social.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Karen; et al. Reflexões sobre a sociedade do consumo: como os influenciadores digitais afetam o consumo na pós-modernidade. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341913620_Reflexoes_sobre_a_sociedade_de_consumo_como_os_influenciadores_digitais_afetam_ou_o_consumo_na_pos-modernidade. Acesso em 04/09/2025

BRASIL, LEI Nº 14.790, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2023. Dispõe sobre a modalidade lotérica denominada apostas de quota fixa; altera as Leis nº 5.768, de 20 de dezembro de 1971, e 13.756, de 12 de dezembro de 2018, e a Medida Provisória nº 2.158-35, de 24 de agosto de 2001; revoga dispositivos do Decreto-Lei nº 204, de 27 de fevereiro de 1967; e dá outras providências.

CNN BRASIL. Setor de apostas online cresceu 734% desde 2021, aponta pesquisa. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/setor-de-apostas-online-cresceu-734-desde-2021-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 01/08/2025.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS (CNDL). Consumidores gastam cerca de R\$ 6 bilhões ao mês com jogos e apostas online no Brasil, revela pesquisa CNDL/SPC Brasil. Disponível em: [14](https://site.cndl.org.br/consumidores-gastam-cerca-de-r-6-bilhoes-ao-mes-com-jogos-e-apostas-online-no-brasil-revela-pesquisa-cndlspc-brasil/#:~:text=Consumidores%2ogastam%2ocerca%2ode%20R,revele%2opesquisa%20CNDL%2FSPC%20Brasil&text=As%20apostas%20e%20os%20jogos,utilizados%20com%20cautela%20e%20aten%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 13/08/2025.</p></div><div data-bbox=)

CUNHA, Márcia Pereira. O mercado financeiro chega à sala de aula: Educação financeira como política pública. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/L9qwW5jc6b5qrFgxDbgyxt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10/09/2025.

FÉLIX, Paula. Jogo patológico: como bets e Tigrinho podem detonar a saúde mental. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/jogo-patologico-como-bets-e-tigrinho-podem-detonar-a-saude-mental/>. Acesso em: 12/09/2025

GARCIA, Alexandre Novais. Jogo do Tigrinho atrai 40% dos apostadores endividados das classes D e E. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/12/07/jogo-do-tigrinho-endividados.htm>. Acesso em: 05/09/2025.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Lobo Lima; et al. A responsabilidade civil dos influenciadores digitais na promoção de casas de apostas e a proteção legal dos menores de idade. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/8139>. Acesso em: 23/09/2025

MARTINS, Letícia da Costa Domingues; et al. Impacto social dos jogos de azar online e suas consequências democráticas. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/cbpcc/article/view/3487>. Acesso em 25/09/2025

ENDIETA, Fábio Henrique Paniagua; QUEIROZ, André Felipe. Bets e apostas online: o jogo do Tigrinho e seu efeito tangerina. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/11358>. Acesso em 17/09/2025.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO MATO GROSSO (MPMT). A misteriosa empresa de Malta por trás do Jogo do Tigrinho. Mato Grosso, dez. 2024.

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Recomendação do Conselho sobre Alfabetização Financeira, 2020.

SCHINAIDER, Anelise Daniela; BARBOSA, Isabelle Noga. Os influenciadores digitais no processo de toma de decisão de seus seguidores. Disponível em: <https://www.rasi.vr.uff.br/index.php/rasi/article/view/322>. Acesso em: 25/09/2025.